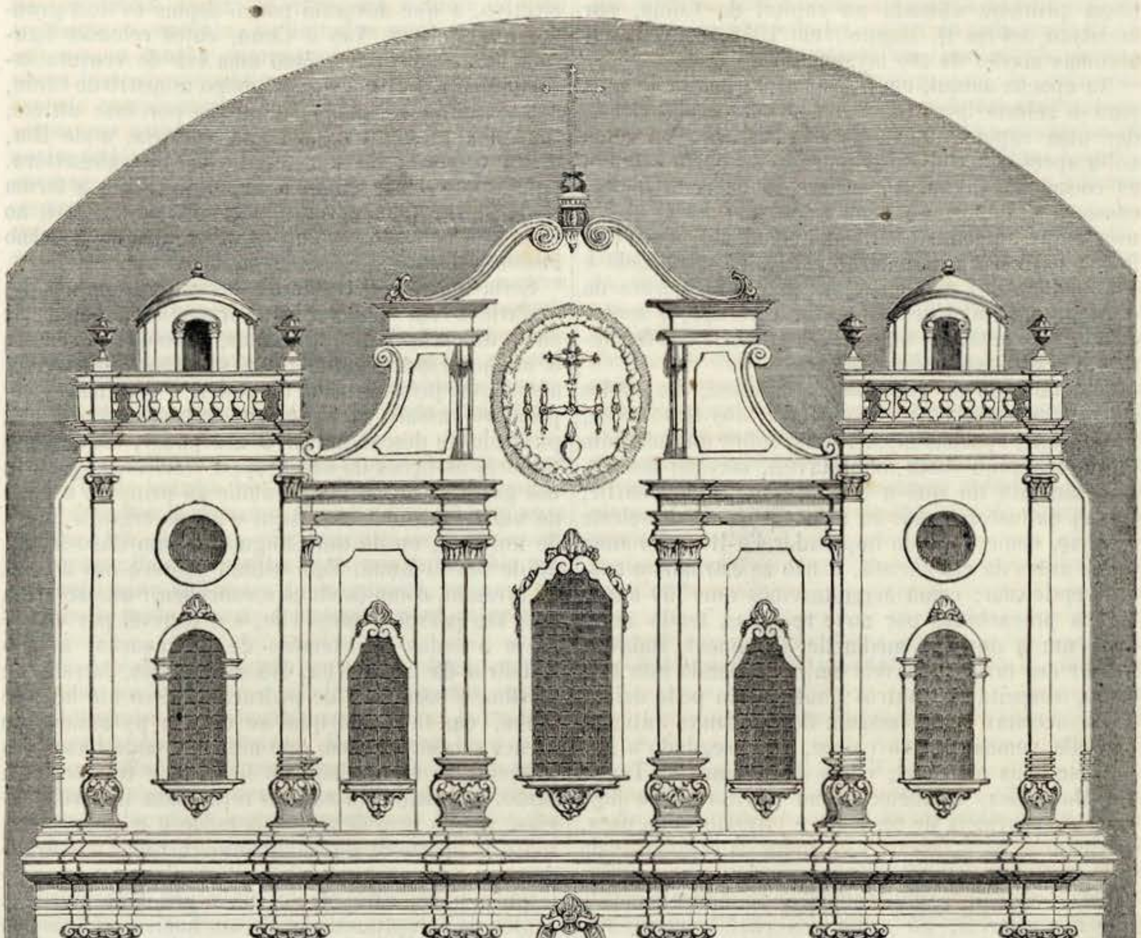


Sé de Pekin, edificada pelos missionarios portuguezes em 1650 — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

Se a tomada da capital do imperio da China, pelas armas da França e da Inglaterra, foi o successo mais notavel do anno 1860, Portugal tem o seu nome associado a este grande feito, porque a sumptuosa egreja onde se cantou o «Te Deum» por esta victoria, é edificação dos seus missionarios, e conta mais de dois seculos.

Vendo nós que em tantos escriptos e estampas, que se tem publicado depois da tomada de Pekin, se não fazia menção de tal gloria portugueza, d'este monumento perduravel do nosso antigo predominio em toda a Asia, antes alguem ousava attribuir a edificação da cathedral de Pekin a missionarios francezes, tratámos não só de colligir os documentos que provam ser esta egreja, denominada de S. José, obra dos missionarios jesuitas portuguezes, feita para sé e residencia dos nossos bispos de Pekin, mas de averiguar se existiria o desenho e plano que d'ella enviára para Portugal o bispo D. Fr. Alexandre de Gouvêa, em 1785, segundo tinhamos lido n'uma carta d'este prelado escripta a fr. Vicente Salgado, e que se acha n'um dos volumes manuscriptos d'este erudito religioso da ordem terceira, conservados na bibliotheca da academia real das sciencias.

Felizmente o encontrámos na bibliotheca da Marinha, com todos os visos de ser o mesmo. D'esse

desenho copiámos a gravura que hoje apresentâmos, e que será seguida de todas as noticias que podermos haver ácerca da missão portugueza em Pekin.

Antes, porém, de fallarmos d'esta fundação, e da nossa primeira entrada na capital da China, por mandado del-rei D. Manuel, em 1516, convem dar algumas noções de tão mysterioso povo.

Na epocha actual, em que as attenções se dirigem para o celeste imperio, não nos parece mal cabido dar uma rapida noticia da sua historia, tal como nol-a apresenta Old-Nick, que tão de perto estudou as coisas da China. Cirurgião do exercito inglez, conseguiu, depois de bem amestrado na lingua e usos chins, introduzir-se, como estudante, n'um collegio; para o que de muito lhe valeu a amizade e gratidão de um mandarim, a cuja filha curára da cegueira, fazendo-lhe, com toda a pericia, a operação da cataracta. Da obra d'este auctor é que formámos o seguinte resumo historico.

Não fallando da chronologia fabulosa, dos cyclos de 18:000 annos, dos reis da terra, dos reis do ceo, nem d'essas epochas mysteriosas, sobre que nenhum povo conservou luzes indubitaveis, occupar-nos-hemos sómente do que a recta razão póde admittir, isto é, da historia mais ou menos provada do celeste imperio, começando do imperador Fo-Hi, e do anno 2:953 antes da era christã. E não se estranhe o nosso scepticismo; como acreditaremos que 750 annos fossem preenchidos por nove reinados, tendo assim cada um a duração media de 83 annos! Todavia, apesar dos erros palpaveis em que abunda esta tradição, suspeita em outros pontos, não póde deixar de se acceitar como imagem dos costumes antigos: por ella vemos o povo chinez, que, segundo a hypothese mais plausivel, vinha dos plainos da Tartaria Mongolica, estabelecido no territorio que hoje fórma a provincia de Shen-Si, e vivendo só da caça, estranho a todas as artes, a todos os commodos da vida civilisada. Os progressos que fez em sciencia e riqueza deve-os exclusivamente, se admittirmos o que nos referem, ao genio dos chefes, constantemente occupados no bem estar dos seus subditos. Um faz-se architecto, outro musico, um terceiro inventa o modo de perpetuar as memorias historias por meio de nós dados em cordões, verdadeiros *quipos*, que serviram de escripta aos chins, como aos peruvianos. Em summa, cada reinado traz seu descobrimento, e leva a palma ao precedente; o progresso não pára, não afrouxa, nem se transvia. É verdade (mas isto faz imaginar uma serie de factos contrária á ordem das coisas) que a monarchia era electiva, e quasi sempre conferida ao primeiro ministro do imperador fallecido.

Por esta fórma succedeu Fo-Hi a Soui-Jin-Tchi. Não só colonisou o Ho-Nan e o Shan-Tung, mas arroteou os matos, ensinou aos seus povos o uso do ferro, e a criação dos animaes domesticos; em fim, transformou tribus caçadoras e guerreiras em nação agricola e pastoril. Para remate de beneficios, conferiu honras ao matrimonio.

Chin-Nong, que reinou depois d'este, construiu o primeiro arado, estabeleceu os primeiros mercados de permutação, e foi habil medico.

Tornando-se Chin-Nong velho e idiota, foi desthronado por Hoang-Ti, a quem se attribue a invenção dos pesos e medidas, os principios de arithmetica, os carros, pontes, as habitações de tijolo, as leis sumptuarias que regulavam o modo de trajar de cada casta, as primeiras tentativas para a formação do kalendario, e os primeiros teares de seda. Este principe proveu os soldados de arcos, espadas e cascos; e o uso das bandeiras remonta á sua epocha. Não devemos, portanto, admirar-nos que alargasse o poder imperial mais que os seus antecessores. Acceitando os chins a escolha que este soberano fizera de um de seus filhos para lhe succeder, deram-se mal com esta primeira experiencia do systema hereditario, e logo voltaram ao principio electivo, a que deveram pouco depois os dois grandes imperadores, Yao e Chun, cujos reinados figuram nos seus annaes como uma era de ventura incomparavel. Yu, por muito tempo ministro de Chun, e mais tarde associado ao throno por este ultimo, fundou a primeira dynastia hereditaria, a de Hia, assim chamada de um territorio que submettêra. Constituido desde então o imperio, tomou a fórma simples, que tem conservado até aos nossos dias, no meio das crises e revoluções inherentes ao governo absoluto de um só.

Seria impossivel tratar d'estas crises, sem nos demorarmos em demasiados pormenores; pondo de parte differenças insignificantes, apresentam sempre o mesmo espectaculo de um soberano amollecido, afeminado pelas delicias do poder, e derribado pelo primeiro vassallo resoluto, que se põe á testa de um punhado de descontentes. O usurpador, esquecendo tambem as lições da sua propria victoria, engolfa-se nos gozos sensuaes, e succumbe ao primeiro ataque de um rival ambicioso. Aqui e alli se ergue a figura de um Tito, ou de um Caligula, de um Chao-Kang, ou de um Li-Koué. Este ultimo offerece-nos o ideal do tyranno, como os chins o concebem: une-se a um ente tão perverso como elle, e o terrivel par entrega-se a todos os excessos da depravação, a todo o delirio da carnificina. No seu palacio, forrado de marfim, e recamado de pedrarias, vê-se um lago de vinho, em torno do qual se elevam pyramides de carnes succulentas, em que ninguem póde tocar sem primeiro se ter saciado do licor, que transtorna a razão. No magnifico edificio retumbam incriveis orgias, a que presidem o imperador e a imperatriz: sobre o marmore do pavimento correm, misturando-se, o sangue e o vinho; além d'essas portas de jaspe o povo, estupefacto, ouve gritos de morte, e cantos de voluptuosidade. Se um homem virtuoso se indigna, se um sabio ministro ousa protestar, é atado ao poste de bronze. Coberto de pez, cheio, interiormente, de carvões ardentes, este poste funesto devora os que o abraçam; e os gritos das victimas, seus esforços desesperados, e convulsões furiosas, são o recreio predilecto dos dois monstros que governam a China consternada. Taes foram Li-Koué e Mey-Hi, taes Cheou-Sin, e a formosa Tan-Ki, com quem acaba a segunda dynastia, a de Chang, no anno 1122 antes de Christo.

A dynastia Tcheou começa então e dura 873 annos. Ou-Ouang, que a fundára, foi obrigado a sanccionar as pretenções de alguns feudatarios poderosos, que recusavam reconhecer o seu dominio absoluto, e o obrigaram a contentar-se com uma especie de supremacia feudal, sem mais proveito que homenagens insignificantes e tributos irrisorios. Deu isto origem a um desmembramento, que, durante seculos, foi para o imperio o germe fecundo de dissensões encarniçadas, que principiaram, pouco mais ou menos, 750 annos antes da era christã, e se prolongaram perto de cinco seculos.

Durante este periodo, o imperio, dividido em vinte e um principados rivaes, foi theatro de guerras e depredações perpetuas. Todas as grandes doutrinas, todos os livros classicos, datam d'esta epocha turbulenta, em que parece que só as preoccupações guerreiras deveriam ter absorvido todos os homens eminentes que o paiz contava. Lao-Tse, Confucio, Meng-Tsze, viveram no tempo dos Tcheou; e pelo contrario, sob a dynastia seguinte, cujos primeiros dois soberanos restabeleceram a auctoridade central com toda a sua

energia, as sciencias e as letras padeceram a mais terrivel perseguição.

Chi-Hoang-Ti, segundo da dynastia Tsin, cujos actos todos revelam um despotismo intelligente, fez incriveis esforços para novamente mergulhar a China na ignorancia. Enterrou vivos, em numero de quatrocentos e sessenta, os letrados mais celebres do imperio, e tentou entregar ás chammas todas as obras historicas e philosophicas que existiam. Destruindo completamente a memoria do preterito, pretendia por este modo adquirir a fama que sobrevive ao fundador de um imperio. Outro capricho seu foi escapar á sorte commum dos homens, e tornar-se immortal. Illudido por sacerdote impostor, fez partir uma expedição para uma ilha, onde se devia encontrar a herva que prolonga a vida para sempre. A tempestade tragou os mensageiros, e elle morreu pouco depois, sem prever, que poderia ser roubado a seus subditos; por isso não nomeára successor. A lei hereditaria entregou o sceptro a um principe imbecil, que deixou restabelecer as antigas demarcações provinciaes, apagadas com tanto cuidado por seu pae.

Este trabalho destruidor ia reconduzir a China aos horrores do estado feudal, quando um aventureiro feliz derribou a dynastia Tsin, e poz no throno a familia Han, uma das que deixou mais gloriosas recordações. Esta revolução, feita pouco mais ou menos pelo anno 200 antes da era christã, marca o fim do que se póde chamar a historia antiga do imperio chim.

Não esperemos comtudo ver mudar desde então a essencia dos factos, e o seu encadeamento logico: simplesmente a um despota inimigo das letras succede outro que as protege. Hao-Hoang-Ti, e especialmente Kan-Ou-Ti repararam os effeitos da terrivel proscripção, que acabámos de contar. Os estudos historicos foram de novo animados, os letrados chamados á corte, e a paz quasi restabelecida no imperio.

Entretanto as fronteiras do nordeste, apesar da grande muralha acabada por Chi-Hoang-Ti, estavam continuamente expostas ás correrias dos Hiong-Nous — que assim se chamavam então os tartaros. Estes ousados cavalleiros, endurecidos em toda a qualidade de fadigas, destros no manejo do arco e das flechas, correndo a galope pelas mais escabrosas montanhas, atravessando a nado as mais caudalosas torrentes, desafiavam com a sua tactica instinctiva as evoluções mais sabias, e a melhor disciplina das tropas chinezas. É verdade que parecia ser-lhes interdicta toda a conquista permanente; mas devastavam provincias inteiras, e perseguidos por forças superiores, desappareciam dispersando-se no seio de um paiz inaccessivel. Han-Ou-Ti procurou por meios pacificos livrar o imperio d'estes importunos inimigos: tratou directamente com o seu chefe, e concedeu-lhe a mão de uma princeza de sangue imperial. Os Hiong-Nous, apesar d'esta insigne honra, não cessaram as suas depredações, mais ou menos reprimidas, até ao anno 90 da era christã, em que romperam graves dissensões entre elles. As tribus estrangularam-se mutuamente, e as que obtiveram a protecção dos imperadores chinezes, paga com o reconhecimento de vassallagem, triumpharam sem custo das suas rivaes. Estas refugiaram-se na Siberia, e d'alli passaram á Europa, onde sob as ordens de Attila, desvastaram no seculo v a parte do velho mundo romano que tinha escapado das invasões precedentes.

N'esta epocha já não existia a dynastia de Han. Depois de 426 annos de dominio (isto é, no anno 220 da era christã) fôra derribada em consequencia de uma insurreição provocada por um charlatão de aldeia. Este individuo, chamado Tchang-Kio, aproveitando a inquietação produzida no paiz por uma doença contagiosa, persuadiu o povo de que, com uma certa agua magica, podia combater esta fatal influencia. Com isto adquiriu grande popularidade; desde que viu mais de quinhentos mil fanaticos ligados á sua fortuna, premeditou a conquista do supremo poder. Esta insurreição foi conhecida pelo nome de revolta dos barretes amarellos, por serem estes o signal adoptado pelos rebeldes para se reunirem. Tchang-Kio e os seus partidarios foram destroçados; mas o general que os venceu adquiriu em breve um poder superior ao do monarcha; e seu filho, Tsao-Pi, subdito menos fiel que elle, aproveitou a adhesão dos grandes para se apossar do sceptro.

Houve então uma especie de desmembramento: tres reinos independentes existiram ao mesmo tempo, durante quarenta e tres annos, no fim dos quaes um general victorioso, chamado Ssye-Ma-Yen, fundou outra dynastia, que teve o nome de Tcin. A par d'esta, um chefe tartaro estabeleceu outra raça reinante, denominada de Tchao.

A dynastia Tcin era notavel pela fraqueza, e a Tchao pelo luxo, a ponto de um dos seus membros manter um regimento de cavallaria, composto exclusivamente de raparigas formosas e fortes, que lhe serviam alternadamente de guardas de honra, e de musicas.

(Continúa)

---

## THOMAZ ANTONIO DOS SANTOS E SILVA

(Conclusão. Vid. pag. 379)

VII

Ao passar pelos olhos as linhas (embora tão abbreviadas e concisas quanto o requer a natureza d'este esboço) que terminam o capitulo precedente, o leitor notaria de certo o modo como Santos e Silva, colhendo na resignação forças bastantes para escudar-se contra os rudes golpes da desgraça, conseguira superar em parte o infortunio, applicando a trabalhos uteis os dias que outro consumiria em queixas vãs e lamentos improductivos; procurando converter em serviço do paiz e gloria do proprio nome os dotes intellectuaes, unica riqueza de que a sorte não podéra desapossal-o.

A perda do seu patrono D. Lourenço de Lencastre, a quem tanto devêra, custosa sem duvida á sua alma agradecida, não empeiorou, entretanto, a sua situação; porque o novo enfermeiro-mór D. Francisco de Almeida Mello e Castro, depois conde das Galvêas (homem humano e caritativo, honrador do talento, cujos ditos agudos e chistosos são ainda hoje festivamente recordados) sobreexcedeu para com o poeta, em agasalho e carinho, as deferencias que tivera para com elle o seu predecessor.

Em principios de 1812 viu-se, pois, Santos e Silva transferido do seu antigo quarto para outra casa mais espaçosa, melhor arejada, e até independente das enfermarias. A ração que lhe subministravam passou a ser mais delicada e nutritiva; gozou, em fim, por algum tempo, de todas as commodidades e regalos a que, nas suas circunstancias, podia aspirar. Os que d'isso desejarem mais claro documento, acharão na dedicatoria da «Brasiliada», concluida durante este ensejo, e offerecida ao bemfeitor, as phrases significativas que ao agraciado inspirou o reconhecimento dos favores recebidos.

Só foi para sentir que a administração de D. Francisco de Almeida, tão auspiciosa em geral para o estabelecimento, quanto em particular propicia para

o poeta, não fosse mais duradoura, tendo aquelle de ausentar-se de Portugal em 1814, chamado para o Brasil pela corte do Rio de Janeiro.

A nova administração, embora não desmerecesse a outros respeitos, houve-se para com Santos e Silva de um modo que a muitos pareceu injustificavel. Não sei que conveniencias do serviço (provavelmente allegadas como sempre á mingoa de melhores razões para disfarçar injustiças) ordenaram que o infeliz cego, em quem iam crescendo os annos e os achaques, fosse para logo desapossado do seu commodo alojamento, dando-se-lhe em troca outra habitação que, por desabrigada e de ruins condições, se tornava insupportavel a um homem em taes circunstancias. Não podendo obter a revogação do decreto, preferiu elle saír do hospital, e alugar á propria custa uma casa proxima, chamando para a sua companhia duas irmãs que ainda conservava em Setubal, e com ellas um accrescimo de despeza impossivel de supprir. Posto que se lhe continuasse a fornecer a ração do hospital, era esta insufficiente para manter mais duas pessoas; ao passo que não podia viver só quem como elle carecia cada vez mais de auxilio e cuidado alheios. N'este estado, tornou-se taciturno e melancolico; fugia da sociedade, e passava na cama dias, e ás vezes semanas inteiras. Amortecia-lhe o estro, e foi pouco a pouco descaíndo, até chegar a uma quasi total imbecilidade. Debalde seus amigos lhe offereciam distracções; debalde o aconselhavam a que se erguesse, e tratasse de dar exercicio aos membros, que iam entorpecendo. Se alguma vez condescendia com elles, animando-se a saír, não passava da botica do hospital, e voltando depressa para casa, ahi se entregava de novo á sua invencivel apathia.

A morte successiva de suas irmãs acabou de arruinar aquelle edificio abalado: e cedendo á sua afflicção, aggravada a enfermidade, teve de recolher-se ao hospital, onde foi d'esta vez recebido com absoluta indifferença, aprestando-se-lhe uma cama na extremidade de uma das enfermarias, como a qualquer doente ordinario. Alli permaneceu durante alguns mezes, privado de todo o movimento da cintura para cima, e tratado com tão imperdoavel desleixo, que ainda nos seus ultimos dias (é facto affirmado por testimunhas de vista, com quanto parecerá talvez incrivel á posteridade!) fez por vezes inuteis rogativas, pedindo em vão aos enfermeiros um cobertor com que reparar-se dos rigores do frio!

Reduzido a extrema debilidade, e sentindo avisinhar-se a morte, cuidou de fazer as ultimas disposições, que a pouco se reduziam. Entregou a José Maria da Costa e Silva (dos seus amigos intimos o que mais sollicito se mostrava em visital-o, e do qual eu soube algumas d'estas particularidades) todos os seus manuscriptos, pedindo-lhe que os revesse e coordenasse, para serem em occasião propicia publicados os que se julgassem em termos de o merecerem. Repetiu-lhe egualmente a instancia, já por vezes feita, de annotar a « Brasiliada », pouco antes dada á luz, na qual se lhe afigurava ver o titulo mais solido da sua immortalidade. Preparou-se para o transito final com os soccorros espirituaes, requerendo os sacramentos da egreja, que promptamente lhe foram administrados: e decorridos ainda quinze dias expirou placidamente, e sem mostras de agonia, na tarde de 19 de Janeiro de 1816, contando perto de 65 annos de vida, tal como pouco mais ou menos a deixâmos historiada.

Depositado por então o cadaver na capella respectiva, e informado do successo José Pedro da Silva (o mesmo de quem fallei no principio d'este esboço) tambem provado amigo e admirador do poeta, e que tomára á sua conta a impressão da « Brasiliada », encarregou-se este dos preparativos e despeza do funeral; e pelas cinco da tarde do dia immediato foi o cadaver conduzido com decente acompanhamento até á egreja velha do hospital, onde os amigos lhe deram o ultimo *vale!*

VIII

Thomás Antonio dos Santos e Silva foi de pequena estatura e côr morena: tinha as pernas excessivamente delgadas, e só assentava no chão os dedos dos pés: o que todavia não lhe obstava a que andasse com expedita ligeireza, sendo só nos derradeiros annos que teve de soccorrer-se ao uso de moletas. De caracter em extremo jovial, e de uma sinceridade infantil, era ao mesmo tempo desconfiado, talvez em demasia; facil de enfurecer-se, e ainda mais facil de applacar-se. Posto que muito cioso da sua gloria poetica, jámais se lhe conheceu o vicio de deprimir o merito alheio; antes o achavam sempre disposto a applaudir os escriptos dos proprios que, com razão ou sem ella, julgava seus inimigos. Sua natural indolencia e desleixo lhe inspiravam uma repugnancia invencivel para tudo o que fosse movimento e intriga. De religioso degenerava, diz-se, em supersticioso: e era tal a sua timidez e acanhamento, que ao vêl-o pela primeira vez ninguem podéra suppor que houvesse n'elle tamanho cabedal de saber e ingenho. Dormia pouco, e era frugal na comida, e ainda mais na bebida; porém em compensação usava immoderadamente do café; e sobre tudo de tabaco de fumo. Durante os doze annos que passou no hospital raras vezes saía fóra do edificio: contentava-se de passear e espairecer na grande varanda contigua á botica da casa. Ahi fazia reduzir a escripto o que compuzera de cór, occupando o resto do tempo na conversação, ou em ouvir ler. A sua memoria feliz emparelhava com a fecunda imaginação de que era dotado. Entre os nossos poetas antigos preferia, abaixo de Camões, Gabriel Pereira de Castro; e dos modernos eram para elle os melhores Garção, Quita, Francisco Manuel e Bocage.

Perfilado assim o retrato physico e intellectual do poeta setubalense, tal como nol-o transmittiram os que de mais perto o conheceram, resta dizer algumas palavras com respeito ás suas composições, que obtiveram tão encontrados juizos da parte de alguns contemporaneos. [1]

IX

O leitor intelligente e reflectivo, attentando pela primeira vez em qualquer dos volumes das obras de Santos e Silva, não tardará em sentir movimentos alternados de admiração e estranheza, notando o caracter de desegualdade que reina por todos elles, e que parece tornar quando menos duvidosa a persuasão de que esses, por vezes desconformes, conjunctos de bellezas e defeitos sejam partos da mente de um só e unico individuo! Se porém quizer deter-se na indagação das causas determinantes de tal desegualdade, achará tres, a meu ver sufficientes para explicar o phenomeno. Primeira, o genio do poeta, propenso a singularidades, como attestam as memo-

[1] Confronte-se, por exemplo, o que no *Investigador Portuguez* n. I (outubro de 1811), escreveu o dr. Vicente Pedro Nolasco acerca de Santos e Silva, com o que annos depois disse a egual proposito A. Garrett no *Parnaso Lusitano*, tomo I, pag. ij.—Entre as disparidades que ahi se encontram, não é de certo a menos notavel, que o primeiro inculcasse a linguagem de Santos por laconica, justa, expressiva, e até *depurada do mais pequeno resaibo dos gallicismos*, que infectavam então muitos dos nossos escriptores:—ao passo que o segundo não via nos escriptos do vate de Setubal mais que *uma sentina de gallicismos*, um apontoado de termos baixos, de expressões que não usa gente de bem, de construcções barbaras, etc. etc.! — José Maria da Costa e Silva á sua parte não conhecia entre todos os poetas portuguezes outros, que podessem rivalisar com Thomino, senão Camões e Filinto! Os tres eram para elle como outras tantas assombrosas pyramides, que levantadas nos campos da poesia lusitana, lhe pareciam similhantes ás do Egypto, ostentando ainda atravez de quarenta seculos toda a força e poder do homem! . . . — Os que só se contentam da verdade devem buscal-a n'outra parte, que não n'estas contradictorias e enthusiasticas exaggerações.

rias que d'elle nos ficaram: segunda, os seus conhecimentos, que sendo amplos na historia, e mais ainda nas sciencias naturaes, eram comtudo mingoados em bellas-letras: terceira, o seu teor de vida, que em todo o tempo lhe permittiu pouca concurrencia e trato com as classes mais illustradas da sociedade. Da reunião d'estas causas se derivou o mau gosto, que tanto a miudo desfeia as suas producções. Como porém elle fosse do seu natural dotado de rasgada intelligencia e vigorosa imaginação, ajudado de bom saber superou mil vezes todas as difficuldades, e compoz muitas poesias, em que a abundancia de bellezas resgata com usura os defeitos; ou em que o esplendor e magnificencia da idéa triumpham da rudeza da fórma.

Das suas composições de maior vulto a primeira em data, e a mais bem acabada de todas, no juizo de alguns criticos, é o poema « Sepultura de Lesbia, » tão bem acolhido do publico, que passou por tres edições. Ahi comtudo se divisa a cada passo essa alliança monstruosa de bellezas de mais de um genero com imperfeições que mal podem desculpar-se.

A imitação dos poetas inglezes e hespanhoes, a que mais se affeiçoára, e que n'elle introduzira o gosto das caprichosas sublimidades de uns, e dos conceitos rebuscados e obscuros de outros; juntamente as singularidades proprias do seu natural; o nimio trato do vulgo, que o habituára a servir-se de termos e phrases plebêas, toleraveis, se tanto, na conversação familiar; as continuas reminiscencias dos seus estudos pharmacos; e por fim a difficuldade da rythma que empregou: tudo concorreu para que este



Trenó puxado por dois rangiferos

poema, com quanto bem delineado e grandioso no seu todo, offereça todavia um mixto de partes heterogeneas, que ás vezes enfastia, e até enoja; bem que outras, e muitas mais, agrada, commove e arrebata; porque, profundo pensador, e tão instruido como era, o poeta sabia quasi sempre expressar com vigor o que concebia, e atava as suas idéas com um longo fio, admiravelmente seguido todas as vezes que se não demasiava em particularisar, além do que lhe requeriam a razão e o bom gosto.

É porém no seu outro poema a « Brasiliada, » edificio de dimensões incomparavelmente mais vastas, construido mais de espaço, e na perfeita maturidade do genio, que devemos procurar a melhor manifestação do seu engenho e saber; da sua força inventiva; e se quizerem, do mau gosto que por vezes o desvairava nas materias da arte. D'entre tantas epopéas nacionaes que possuimos, raras, talvez nenhuma se apresente com egual cunho de originalidade! A acção, toda politica e diplomatica, mal se parece com a de algum dos poemas do seu genero até agora conhecidos. Livre das pêas da imitação, o auctor teve de seguir n'esta parte uma senda não trilhada. Escolheu um assumpto, para nós em verdade importantissimo, mas não épico: d'ahi o primeiro defeito caracteristico do poema, se houvermos de consideral-o, como é de razão, á luz das regras assentadas pelos legisladores do antigo Parnaso. Outros, antes d'elle, naufragaram n'esse escólho. Importantissimo era para os francezes o assumpto da « Henriada; » e comtudo, por defeituoso na essencia, nem ainda tratado pela abalisada intelligencia de um Voltaire, pôde dar de si mais que uma epopéa de segunda ordem!

Com um assumpto defeituoso, como seria possivel urdir uma fabula perfeita? Muito foi que Santos e Silva, equilibrado nas azas do engenho, soubesse dar á sua tal contextura, que a critica, embora severa, percorrendo as diversas partes, poderá apenas accusal-o de pobreza de invenção na que entre os epicos

se appellida *maravilhoso*, a qual no seu poema saíu, força é dizel-o, mingoada em demasia. Porém como compensação, e para supprir essa falta, aproveitou elle no seu assumpto de especie nova todos os recursos da arte oratoria; desenvolveu todo o vigor e galas da eloquencia; avivou todo o colorido da mais nobre imitação; e conseguiu apresentar o que no genero temos de melhor escripto, assim no que pertence aos *costumes*, como na *sentença* e na *dicção*. Não lhe faltam interesse progressivo, unidade exactamente observada; caracteres bem desenhados e sustentados com arte; episodios quasi sempre trazidos a proposito, casados com a acção, felizes na maior parte, e alguns excellentes: que mais poderia exigir-se do poeta na sua situação, e com os meios de que lhe era dado dispor? Os defeitos que se lhe notam são todos de natureza secundaria, e incapazes de deteriorar a estructura e machinismo do poema: consistem na má escolha e frouxidão de alguns episodios, e sobre tudo, nas falhas e incorrecções de estilo e linguagem, que em verdade abundam n'esta como em todas as suas obras; mas que elle proprio remediaria sem duvida, collocado em circunstancias menos deploraveis, que lhe permittissem passar por seus escriptos a ultima lima.

A tragedia «El-rei D. Sebastião em Africa», impressa posthuma, e hoje quasi desconhecida, passa entre julgadores competentes por um dos melhores titulos da sua gloria, e a poucos seria dado comporem, sobre o mesmo assumpto, obra que mais valesse. Outra deixou elle, com o titulo de «Viriato e Osmia», tambem original; e além d'estas, as traducções de varias peças do theatro inglez, taes como o «Catão», de Adisson; a «Vingança», «Busiris», e «Os Irmãos», de Young; «Eduardo e Leonor», de Tompson, etc., todas ineditas, cujos autographos passaram de sua mão, com o resto de suas poesias, para a de Costa e Silva, que se compromettêra a dal-as á luz, quando se lhe deparasse para isso opportunidade. Não podendo, porém, realisar o desejo do amigo, que era tambem o seu, continuou a guardal-as com recato e estima, até que por sua morte ignoro que destino levassem, ou se existem ainda hoje em poder da sua viuva.

Santos e Silva tentou, com melhor ou peior successo, todos os generos de poesia que no seu tempo se cultivavam, á excepção do apologo e do conto. São tidas por mediocres as suas odes e canções; porém mostrou-se superior nos sonetos, nos hymnos e nas epistolas. Tem algumas elegias estimaveis; o cantico á *Primavera*, que alguns qualificam de excellente; e a metamorphose dos *Cachopos de Ullyséa*, que sobreexcede incomparavelmente, não só as de Antonio Diniz, mas ainda a outras de poetas que n'esta especie mais primaram entre nós.

Resumindo: os seus escriptos peccam mais ou menos na phrase; são n'elles frequentes, como fica dito, as incorrecções grammaticaes; abundam em construcções abstrusas, em locuções plebeas, e ás vezes exquisitamente conceituosas, ou amphibologicas; o que tudo concorre para que o não possâmos contar entre os classicos da lingua: porém, ao mesmo tempo, estão cheios de quadros de uma imaginação vigorosa e animada; de muitas e profundas idéas philologicas; e de amiudados rasgos de sublime originalidade. Estes dotes compensam exuberantemente os seus defeitos, e por elles lhe compete, de justiça, um logar distincto entre os nossos mais admirados poetas.

INNOCENCIO F. DA SILVA

RECTIFICAÇÃO

Inadvertidamente se imprimiu por baixo da gravura collocada a pag. 373 do n. 47, no começo do artigo que hoje concluimos, a designação inexacta: «Casa onde *falleceu* Thomaz Antonio etc.», quando devia ser: «Casa onde *nasceu* etc.» — A equivocação é comtudo tão manifesta, que mal poderia induzir em erro o leitor.

## TRENÓ PUXADO POR DOIS RANGIFEROS

O rangifero ou renno é oriundo da Laponia, e tão prestante n'aquella frigidissima região, como o camelo nos abrazados desertos da Arabia. Dá-se bem nas regiões polares da Asia; mas tem sido baldadas todas as tentativas para o aclimar nos paizes septentrionaes.

É mais corpulento que o veado, com o qual se parece muito. Os paus tem ordinariamente quatro esgalhos principaes, dois adiante e dois atraz, que lhe cáem todos os annos.

O pellume do rangifero adulto é cinzento escuro, excepto no ventre, ilhargas e sobre as espadoas, que é branco. São muito mansos estes animaes; e além de servirem para carga, a carne é excellente para comer, e as femeas dão leite mais substancial que o das vaccas, de que se faz manteiga e queijo. A pelle é boa para forros, e curtida transforma-se n'um cabedal muito macio e duravel. De sorte que não havendo n'aquellas paragens cavallos, bois nem ovelhas, o renno substitue todos estes tres prestantissimos animaes.

O que porém dá mais valor ao rangifero é a sua força e velocidade para os transportes sobro o gelo. Um rangifero puxa por uma carga de tres quintaes sobre as carretas sem rodas, a que chamam trenós, caminhando muitas vezes trinta legoas em dezoito horas.

Os trenós que na Laponia servem de carruagem são tirados por dois rennos, e galopam tão velozmente pelo gelo, como a melhor parelha de cavallos por uma boa estrada.

O que representa a nossa estampa é tirado de uma viagem á Russia asiatica em 1830 — por Ouvarovski.

---

## A CASA DOS BICOS

(Vid. pag. 391)

VIII

Já vimos que nenhum dos impressos falla do jazigo de Affonso de Albuquerque, isto é, nenhum dos escriptores coevos, ou proximamente posteriores ao anno de 1566, em que os ossos do valoroso capitão vieram de Gôa para o convento da Graça.

Tambem d'elle não falla nenhum dos do seculo passado.

Vejamos agora o que dizem os do seculo actual.

Pedro José de Figueiredo, laborioso socio da academia real das sciencias de Lisboa, que tantas investigações fez para a publicação da obra intitulada: *Retratos e elogios de varões e donas que illustraram a nação portugueza em virtudes, letras, armas, e artes;* cujo primeiro volume se publicou em 1817, no fim da biographia de Affonso de Albuquerque, e depois de referir como os seus ossos vieram da India para a Graça, accrescenta:

«Ainda permanecem n'aquelle convento, se bem que mudados da capella-mór, quando passou a outro padroeiro, para o *cemiterio commum da casa do capitulo*, onde não só lhes falta epitaphio, mas confundidos com muitos outros, experimentam, depois da morte, a mesma sorte que elle teve em vida.»

Em 1843, o *Ramalhete*, jornal litterario de Lisboa, em que assiduamente collaborou o sr. F. A. Martins Bastos, e de quem são os melhores artigos sobre as egrejas de Lisboa que alli se publicaram, diz o seguinte, a respeito dos ossos de Affonso de Albuquerque:

«Foram trazidos ao convento da Graça, onde se lhes levantou um tumulo de pouca sumptuosidade, o qual, pela destruição do terremoto de 1755 que transtornou a egreja, desappareceu; e só por occasião de se enterrar o conde de Villa-Verde, que foi secretario de estado, se determinou ser sepultado no mesmo sepulchro, feitas immensas diligencias, sem nada se poder descobrir, por conselho do padre José Agostinho de Macedo, frade d'aquella casa, *se achou estar no refeitorio*, a que, levantando-se os tijolos, foi descoberto o seu esqueleto, a que se uniu o de seu descendente, e talvez que ambos ainda alli durmam.»

Consultando nós o sr. Martins Bastos sobre esta affirmativa, não se recordou d'onde a houvera, mas disse que, naturalmente, fôra dos frades da Graça, com quem tivera trato e amizade.

Não ha prova nem testimunho algum, positivo, d'esta asserção; pelo contrario, todas as inducções são contra a veracidade de tal escavação.

Teve grande valimento na corte este conde de Villa-Verde; foi conselheiro de estado; ministro assistente ao despacho do gabinete; encarregado da secretaria de estado dos negocios do reino; director da commissão dos negocios de Roma; secretario da casa de Bragança; presidente da junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação do reino; deputado da junta da casa do infantado; gentil homem da camara; inspector da bibliotheca publica da corte, e do jardim botanico; presidente da sociedade real maritima; socio da academia real das sciencias, etc. Com tanta auctoridade, e tendo, segundo consta, propensão para as letras, e para os escriptores e poetas, de que dá bom testimunho o nosso Nicolau Tolentino, como é que elle guardou para depois de morto a busca dos ossos de seu glorioso antecessor? Não fôra honroso, para o seu ministerio, a tentativa, ao menos, de procurar tão preciosas reliquias, e levantar condigno mausoleo a tal heroe, seu parente? Sem duvida. Mas presuppomos que D. Diogo de Noronha nunca de tal se lembrou. E fundâmo-nos no silencio do já citado professor Pedro José da Fonseca, que tratou com o conde, que era filho do medico do convento da Graça, e portanto, na biographia de Affonso de Albuquerque, que escreveu dez annos apenas depois da morte do conde de Villa-Verde, não podia ter deixado de consignar este facto. Antes o nega implicitamente, dizendo, como já referimos pelas suas proprias palavras, que os ossos de Affonso de Albuquerque *estavam confundidos com outros muitos*.

Ha ainda outra circunstancia que concorre para se ter por fabulosa a achada dos ossos em 1806; e é dizer-se no citado artigo do «Ramalhete» que o padre José Agostinho indicára o sitio onde se achou a ossada do Albuquerque; porque a esse tempo estava Macedo não só já fóra do convento, mas indignado contra os frades; pelo que de certo não concorreria para os livrar do labeo de haverem deixado perder as cinzas de tal heroe.

Concluamos, pois, que os frades da Graça, pela clausula do testamento com que falleceu Affonso de Albuquerque, e pela demanda que tiveram com o filho sobre o jazigo da capella-mór, se vingaram, infamemente, dispersando-lhe os ossos, *lançando-os para o cemiterio commum*, como diz o professor Fonseca.

E pois que elles apagaram um dos mais honrosos epitaphios do necrologio nacional, levantemos-lhes aqui, a elles, o padrão da ignominia que os ha de infamar em quanto existir a letra redonda!...

Não só os frades da Graça foram os deshonradores das cinzas do grande conquistador da India; n'aquelle mesmo theatro das suas façanhas foram ellas bem mal tratadas. Já referimos a ordem que dera o que lhe succedeu no governo da India, o ávido concussor Lopo Soares, aquelle a quem D. João II disse, como ingenuamente conta o chronista Garcia de Resende: *Mando-vos por capitão á costa de Mina; não sejaes tão peco que venhaes de lá pobre*: foi este o que mandou tirar o corpo de Affonso de Albuquerque do jazigo que este para si fizera em Goa, dizendo que o deitassem debaixo de uma arvore; e que o teve com tão pouco recato, que, segundo refere Gaspar Corrêa: — O capitão Pero de Albuquerque, que estava com muita magoa sabendo os avexamentos que o governador, Lopo Soares, fazia ás coisas de seu tio Affonso de Albuquerque, n'estas naus mandou um seu criado com dinheiro, para que cobrisse a sepultura de Affonso de Albuquerque com veludo preto, e lhe fizesse grades de redor, e concertasse a capella de tudo o que cumprisse; e disse a D. Aleixo, quando d'elle se despediu: «Senhor, dizei ao senhor governador, vosso tio, que os rumes estão em Camarão sem nenhum medo, porque estão vivos; que lhe peço por mercê que deixe estar em paz os ossos de meu tio Affonso de Albuquerque, que estão na cova.»

E com effeito, tanto porfiaram seus inimigos em lhe soprar as cinzas ao vento, que de todo as dispersaram!

Pois nenhum d'elles valeu tanto, como ao vivo nol-o pinta o seu secretario Gaspar Corrêa, na seguinte ethopéa:

«Affonso de Albuquerque era homem de bom corpo, sêcco de carnes, o rosto comprido, córado, a barba muito branca, e tão comprida que lhe chegava á cinta. Era muito prudente em todas as coisas; escrevia muito, era conversavel á gente; estimava muito os homens cavalleiros; mui entendido nas negociações dos moiros e gentios. Ante manhã ouvia missa, e só a cavallo, com os da sua guarda, visitava as obras, a ribeira, e armazens. Era mui amigo do proveito del-rei, que nada os seus officiaes despendiam senão por seus mandados. Era supito em sua paixão e logo arrependido. Tratou verdade; era amigo da justiça, de liberal condição para dar o seu. Não tinha estado de despacho, que na rua, sobre o joelho, assignava os mandados. Era mui vigoroso contra os homens brigosos; grangeava muito os mercadores moiros e gentios, para os assegurar em boa paz e amizade. Era piedoso aos pobres. Todos os presentes que lhe deram os reis e senhores da India, mandava a el-rei e á rainha, ou os repartia pelos capitães e fidalgos.

Nove annos andou na India, tres que conquistou o reino de Ormuz; um anno que lhe o viso-rei D. Francisco de Almeida não deu a governança; e governou cinco não acabados, em que tomou Goa duas vezes e a fortificou, e Calecut, Malaca, Ormuz. Foi o primeiro que entrou o estreito de Meca.

Em seu tempo nenhum homem andou fóra do serviço del-rei, e muito honrava os seus criados e das rainhas. Mui zeloso de acrescentar as coisas da India; homem sem cubiça. Não tinha porta fechada, nem porteiro de dia, senão quando dormia depois de jantar, que nos dias da semana era mui pouco. Não tinha nenhum modo d'estado. Escrevia para el-rei e rainha, para os do conselho, e para os veadores da fazenda, e por não se occupar de dia, escrevia de noite com seus escrivães, e dava conta a el-rei até das bombardas quebradas.

Sabido no reino de sua morte, el-rei mostrou d'isso grande sentimento, e lhe nobreceu um filho que tinha, que Affonso de Albuquerque houvera sendo mancebo em uma mulher de Africa, chamado Braz, que se criava em casa de sua tia D. Isabel de Albuquerque, que andava no estudo. El-rei o poz em

grande honra, e lhe poz nome Affonso de Albuquerque, como seu pae, e o fez legitimo herdeiro de seu pae, e lhe mandou pagar 180 mil cruzados que deviam a seu pae de seus ordenados e quintaladas de pimenta. E lhe deu 400 mil réis de juro, que para sempre durassem nos morgados d'esta casa, de que o herdeiro sempre teria o nome Affonso de Albuquerque, e se fosse mulher se chamaria Affonsa de Albuquerque, porque sempre durasse e fosse lembrado o nome de tão bom vassallo; e lhe fez muitas outras mercês. E el-rei tomou todos os criados de Affonso de Albuquerque no fôro em que o serviam, e lhes pagou quanto lhes deviam do serviço da India. Do que adiante contarei mais outras coisas e mercês que el-rei fez a Affonso de Albuquerque.»

A mesma sorte tiveram os ossos do filho, o auctor dos *Commentarios*, e fundador da Casa dos Bicos. Tambem se não sabe onde param!

Tinha elle edificado em Azeitão, como já dissemos, uma egreja, não só para jazigo de seu pae, mas seu e de sua mulher. O sr. José Maria da Fonseca [1], proprietario e lavrador n'aquelle concelho, se dignou informar-nos, que não constava por nenhum tumulo, epitaphio, ou documento do cartorio da egreja de S. Simão, que alli jazesse o fundador, e muito menos seu pae, o grande Affonso de Albuquerque. E por esta occasião nos remetteu o traslado authentico da instituição da capella que o Albuquerque filho fizera em 1578, onde vem a mui pia fundação de que vamos dar extracto.

«Ordenâmos e instituimos (elle e sua mulher) um hospital, de hoje para sempre, na egreja do bemaventurado S. Simão. que está junto da nossa quinta de Azeitão, para n'elle se agasalharem pobres caminhantes de Jesus Christo, pelo modo, maneira e condições abaixo declaradas.

Primeiramente mandâmos, que no dito hospital haja para sempre cinco camas, em louvor das cinco chagas de N. S. Jesus Christo; e cada uma terá um estrado de pau, para se não gastar com a humidade, e um enxergão de palha, e duas cobertas de almáfega, e uma manta do Alemtejo, e um travesseiro da mesma almáfega, e um de lã, tamanho como a cama; as quaes camas serão tamanhas que possam caber duas pessoas; e serão reformadas todos os annos, e concertadas de todo o necessario, melhorando e não peiorando. Ordenâmos e mandâmos, que no dito hospital se recolham todos os pobres caminhantes, de qualquer qualidade e condição que sejam, tres dias, do dia que entrarem por diante, e mais não. Aos que vierem doentes se poderão agasalhar cinco dias.

E pedimos muito, pelo amor de Nosso Senhor a todos os administradores do dito hospital, que pelo tempo forem, sendo presentes na dita quinta, provam estes doentes de algumas coisas necessarias para a sua enfermidade, por sua vontade, e sem obrigação. E ordenâmos e mandâmos, que a todo o pobre caminhante que vier agasalhar-se no dito hospital, lhes dêem azeite para se allumiar toda a noite, e seis mezes de inverno lhes darão lenha para se aquentarem, e enxugarem seus pobres vestidos; e pedimos a todo o pobre que n'este hospital entrar, que por nossa alma, e pela de meu pae Affonso de Albuquerque, rese cinco vezes a oração do padre nosso e cinco ave-marias, á honra das cinco chagas que Nosso Senhor recebeu na arvore da vera cruz, pedindo-lhe muito fervorosamente que livre nossas almas do fogo do purgatorio, e as leve á sua santa gloria.

E para se cumprirem as ditas obrigações e encargos do dito hospital, de hoje para todo sempre deixâmos, avinculâmos e unimos a nossa quinta de Azeitão, com seu assento de casas, pomar, vinhas, serrados, foros, havidos e por haver, assim e da maneira que nós os possuimos; e pela mesma maneira avinculâmos e unimos *as nossas casas que temos em Lisboa, ás portas do Mar* [1], que partem com o doutor Luiz da Veiga, e com a mulher que foi de Ayres Tavares.»

D'esta instituição vemos que a casa dos Bicos foi vinculada para do seu rendimento se manter o hospital de Azeitão. É mais uma memoria honrosa que nobilita esta celebre casa.

Poremos remate á nossa digressão, com alguns tercetos da elegia que o doutor Antonio Ferreira, contemporaneo e amigo do fundador da casa dos Bicos, fez a este varão, na qual elle diz que os *Commentarios* do grande Affonso de Albuquerque supprem avantajadamente a falta do seu mausoleo.

Affonso d'Albuquerque, por ti escripto
Teu clarissimo pae vive e florece,
De quem c'o nome herdaste esse alto esprito.

Fizeste teus, os seus claros louvores,
Dando-lhe eterno assento entre a memoria
Dos grandes capitães e imperadores.

E renovaste n'elle a antiga historia
Do grande Macedonio, que parece
Mostrar inveja d'esta nova gloria.

Testimunhas serão as reaes bandeiras,
Que vencedoras viu o sol oriente
Lá nas praias do mar mais derradeiras.

Da Persia e Arabia a tributaria gente
Viram de seu despojo as praias cheias,
E do barbaro sangue a grã corrente.

Turvaram o Nilo, o Gange, o Hydaspe as vêas,
Vendo altas fortalezas levantadas,
E o vencedor pendão entre as amêas.

De Meca ás portas, té então cerradas,
Tremeram ver-se, não sómente abertas,
Mas do grande Albuquerque conquistadas.

Quantas ilhas e terras descobertas
Foram por elle ao mundo? quantas minas
D'oiro té li a todos encobertas?

Quem mais gloriosas fez as reaes quinas?
Quem o portuguez nome mais famoso,
Com mais victorias de triumpho dignas?

Ousado capitão e venturoso,
Se a morte não cortára teus intentos,
Que fruito inda nos deras tão formoso!

A ti se devem os altos fundamentos
Do oriental imperio que inda dura
Firme entre tanto mar e tantos ventos.

Não póde a inveja a clara formosura
Escurecer da tua viva fama,
Por mais que contra ti se armasse dura.

Inda hoje Roma, inda hoje Grecia chora
De seus bons capitães premios escuros:
E mortos os suspira, honra e adora.

Nunca egualmente se guardaram
Em vida os altos feitos; só na morte
Seu verdadeiro premio e honra acharam.

Louvou-se: agora espanta o peito forte
Do teu illustre pae, a alta paciencia
Que em tudo lhe deu tão ditosa sorte.

Espanta a ousadia com a prudencia,
Que juntas n'elle egualmente venciam,
A constancia, a justiça, a continencia.

Desprezando as vãs vozes que impediam
O nosso bem, tudo venceu soffrendo;
Que premios a este Fabio se deviam?

Quanto suou, quanto soffreu vivendo,
Tu lh'o pagaste agora, filho digno
De tal pae, que immortal foste fazendo.

Não está toda honra no sepulchro erguido,
Mausoléos aos mortos não dão vida,
Que em fim tudo por tempo é consumido.

[1] Foi o sr. Fonseca o primeiro que publicou a notavel carta dictada á hora da morte por Affonso de Albuquerque para el-rei D. Manuel, escrupulosamente copiada do original que se acha na torre do Tombo, inserindo-a no *Panorama* de 1842. O academico José Joaquim Soares de Barros, que no tom. 5. das «Mem. de Litt.» da academia real das sciencias, diz tel-a visto n'um volume dos mss. de Alcobaça, apenas dá imperfeitos extratos d'este monumental testamento epistolar.

[1] É a Casa dos Biços.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.